

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO

FERNANDA TELLES MEIMES

**A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NO LIVRO DIDÁTICO: UMA  
ANÁLISE DE GÊNERO**

Delmiro Gouveia – AL  
FERNANDA TELLES MEIMES  
2018

FERNANDA TELLES MEIMES

**A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NO LIVRO DIDÁTICO: UMA  
ANÁLISE DE GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientadora: Prof. Me. Sheyla Farias Silva

Delmiro Gouveia-AL  
2018

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

M513r Meimes, Fernanda Telles

A representação das mulheres no livro didático : uma análise de gênero / Fernanda Telles Meimes. – 2018.  
47 f. : il.

Orientação: Profa. Ma. Sheyla Farias Silva.  
Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2018.

1. História – Mulheres. 2. Análise de gênero. 3. Livro didático.  
I. Título.

CDU: 930:305-055.2[002(072)]

FERNANDA TELLES MEIMES

**A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NO LIVRO DIDÁTICO: UMA  
ANÁLISE DE GÊNERO**

Trabalho de Conclusão do Curso  
apresentado ao curso de graduação  
em História da Universidade Federal  
de Alagoas/Campus do Sertão, como  
requisito parcial para obtenção do grau  
de licenciada em História.

Aprovada em 29 de outubro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

*Sheyla Farias Silva*

---

Professora Ma. Sheyla Farias Silva (Orientadora)  
UFAL- Campus do Sertão

*Suana Medeiros Silva*

---

Professora Dra. Suana Medeiros Silva (Examinador Interno)  
UFAL – Campus do Sertão

*Sergiana Vieira dos Santos*

---

Professora Ma. Sergiana Vieira dos Santos (Examinador Externo)  
SEMED/Delmiro Gouveia

## **Agradecimentos**

A todas as mulheres, guerreiras que enfrentam todos os dias a desigualdade de gênero.

A todas aquelas que lutaram no passado para que pudéssemos ser ouvidas no presente.

A minha mãe, Maria Lucia Novaes Telles, por ser meu exemplo mais belo de compreensão e companheirismo.

A Prof. Me. Sheyla Farias Silva pela paciência, atenção e dedicação em todos os passos desse trabalho.

Ao meu pai, Edeimar Meimes (in memoriam), por todos os ensinamentos em vida.

As minhas primas, mulheres fantásticas que me ensinaram que nós mulheres podemos tudo.

Aos amigos e amigas pelo incentivo, afago e companheirismo.

Ao sertão que me acolheu e me ensinou tanta coisa.

*“(...)Seus sussurros e seus murmúrios correm na casa, insinuam-se nos vilarejos, fazedores de boas ou más reputações, circulam na cidade, misturados aos barulhos do mercado ou das lojas, inflados às vezes por suspeitos e insidiosos rumores que flutuam nas margens da opinião. Teme-se sua conversa fiada e sua tagarelice, formas, no entanto, desvalorizadas da fala. Os dominados podem sempre esquivar-se, desviar as proibições, preencher os vazios do poder, as lacunas da História. Imagina-se, sabe-se que: as mulheres não deixaram de fazê-lo. Frequentemente, também, elas fizeram de seu silêncio uma arma.”*

*(Perrot, 2005)*

## **Resumo**

Este trabalho de conclusão de curso expõe o questionamento a cerca da adesão da História das Mulheres e de gênero ao ensino de história, através da pesquisa bibliográfica e da análise (utilizando o método de análise do discurso) de uma coleção de livros didáticos de história, usada atualmente, no ensino médio, em uma escola pública localizada na cidade de Delmiro Gouveia-AL. Primeiramente o trabalho faz um breve resumo sobre as mudanças na historiografia até chegar a uma Nova História, onde personagens antes excluídos passam a ser estudados, como as mulheres, trazendo a tona uma história de gênero, onde a relação entre homens e mulheres é analisada. Num segundo momento é apresentada a necessidade das escolas incorporarem os avanços científicos acadêmicos e os novos paradigmas sociais, questionando se a história das mulheres e as relações de gênero chegaram às salas de aula, com foco no livro didático que ainda é o instrumento mais utilizado pelos professores, levantando a necessidade de um ensino consciente, crítico e que inclua a diversidade. Por último, a análise da coleção de livros didáticos usando uma perspectiva de gênero, levando em conta textos e imagens, investigando a inclusão das mulheres no conteúdo, com que frequência elas aparecem, de que forma são retratadas, quem são essas mulheres, fazendo um recorte étnico e apontando também as ausências, fatos e personagens femininos que não foram relatados. É um trabalho realizado por uma mulher que acredita na importância da desconstrução do gênero para a superação da desigualdade entre homens e mulheres, e na educação como o instrumento mais eficaz para isso.

**Palavras-chave:** educação; História; gênero; livro didático; História das Mulheres

## **Abstract**

This final paper exposes the questioning about the adherence of the history of women and gender to the teaching of history, through bibliographic research and analysis (using the discourse analysis method) of a collection of textbooks of History, currently used in public high schools in the city of Delmiro Gouveia-AL. First the work makes a brief summary of the changes in historiography until it reaches a new history, where previously excluded characters are now studied, such as women, bringing forth a gender history, where the relationship between men and women is analyzed. In the second moment, the need to incorporate academic scientific advances and the new social paradigms in schools is presented, questioning whether women's history and gender relations have reached the classrooms, focusing on the textbook, still the most widely used instrument by teachers, and raising the need for a conscious, critical teaching that includes diversity. Lastly, the analysis of the collection of textbooks using a gender perspective, taking into account texts and images and investigating the inclusion of women in the content: how often they appear; how they are portrayed; who these women are, making an ethnic cut and also pointing out the absences, facts and feminine characters that have not been reported. This is a work carried out by a woman who believes in the importance of the deconstruction of gender to overcome inequality between men and women and in education as the most effective instrument for this.

**Keywords:** education; History; gender; textbook; Women's History



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01: Capa do Livro. (BOULOS, Alfredo, 2016 v.1)	19
FIGURA 02: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.1, p.73)	21
FIGURA 03: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.1, p.138)	22
FIGURA 04: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.1, p.201)	23
FIGURA 05: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.1, p.201)	25
FIGURA 06: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.1, p.225)	25
FIGURA 07: Capa do Livro (BOULOS, Alfredo, 2016. v.2.)	26
FIGURA 08: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.2, p.51)	26
FIGURA 09: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.2, p.83)	27
FIGURA 10: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.2, p.161)	29
FIGURA 11: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.2, p.183)	30
FIGURA 12: Capa do Livro (BOULOS, Alfredo, 2016. v.3)	31
FIGURA 13: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.29)	32
FIGURA 14: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.34)	32
FIGURA 15: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.43)	33
FIGURA 16: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.67)	34
FIGURA 17: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.73)	35
FIGURA 18: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.96)	36
FIGURA 19: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.105)	36
FIGURA 20: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.146)	38
FIGURA 21: (BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.259)	39

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Quantidade de imagens por gênero e etnia	44
Tabela 2: Porcentagem de imagens por gênero e etnia	44

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 01 – INTRODUÇÃO</b>	09
<b>CAPÍTULO 02 – GÊNERO, EDUCAÇÃO E LIVRO DIDÁTICO</b>	13
2.1 O Livro Didático: Uma Realidade na Sala de Aula	14
2.2 O Processo de Realização e Escolha do Livro Didático	16
<b>CAPÍTULO 03 – ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS</b>	18
3.1 Análise do Livro História, Sociedade & Cidadania I	19
3.2 Análise do Livro História, Sociedade & Cidadania II	25
3.3 Análise do Livro História, Sociedade & Cidadania III	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	41
<b>REFERÊNCIAS</b>	46

## Capítulo 01: **INTRODUÇÃO**

Por muitos séculos as mulheres foram ignoradas pela historiografia, inicialmente a história era contada de forma poética, exaltando os grandes heróis, os guerreiros, a vida pública, um espaço de homens, proibido para as mulheres, elas estavam dentro das casas fazendo o serviço doméstico, essa parte da história não parecia ser tão interessante. No Século XIX houve uma evolução no fazer história, tornou-se mais científico, o que abriu um pouco mais o espaço para as mulheres, porém de forma muito sutil e sempre escrita pelo ponto de vista masculino (PERROT, Michelle. 2015, p. 18).

Havia poucas fontes sobre as mulheres, só eram consideradas as fontes escritas e oficiais, onde não havia quase nada sobre elas, as mulheres foram privadas por muito tempo da escrita, eram ensinadas a serem silenciosas, tinham de permanecer invisíveis (PERROT, Michelle. 2005, p.10). Se, por um lado, não havia o interesse na vida privada onde as mulheres se encontravam, por outro, também não havia fontes para contar a história delas, permaneceram invisíveis por muito tempo.

A inserção das mulheres na historiografia surge com a emergência de mudanças ,na pesquisa histórica acompanhando as modificações sociais, aos poucos as mulheres foram aparecendo nas narrativas e na escrita, novas fontes foram consideradas, outras disciplinas passaram a influenciar a história, como a sociologia e a antropologia. A cultura, o cotidiano, a vida privada, começam a ser estudadas, a história geral deixa de ser a história do homem, novos personagens surgem, entre eles, as mulheres.

Foram diversos fatores que contribuíram para essas mudanças, a inserção das mulheres nas universidades, primeiramente como alunas e mais adiante como professoras foi um dos fatores que contribuiu para o surgimento de mais pesquisas e debates em torno das mulheres. A aproximação da história com a antropologia na década de 60<sup>1</sup> trouxe a tona pesquisas sobre a família, o casamento, a vida privada, temas que incluem as mulheres, aos poucos a história das mulheres foi solidificando-se. O feminismo foi um grande impulso para essa consolidação, ao levantarem debates sobre as relações de gênero e o papel das mulheres na sociedade. (PERROT, Michelle. 2015, p. 19).

---

<sup>1</sup> A Escola dos Annales foi responsável por diversas mudanças na historiografia, George Duby ao se aproximar da antropologia foi um dos pioneiros nas pesquisas sobre as mulheres.

A História das Mulheres abalou as estruturas historiográficas, retomar o passado sob um novo olhar e dizer que um pedaço da história estava sendo esquecido era afirmar que ela estava sendo contada de forma errada, incompleta, limitada, afirmação essa que destruía e deslegitimava o que até então era considerado verdade (Scott, 1992, p.86, 77 apud SOIHET, Rachel. PEDRO, Joana M. 2007, p.286). É recente essa inserção das mulheres na história e vem aumentando cada vez mais:

“A História das mulheres mudou. (...) Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, (...) Partiu de uma história das mulheres para tornar-se especificamente uma história do gênero, que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade.” (PERROT 2015, P.15)

Tínhamos então uma história das mulheres que analisava somente o universo feminino, isoladas e excluídas da história geral, tornando-se um adendo, uma história extra, diante disso os historiadores não enxergavam a importância da história das mulheres, achavam que era uma parte que não cabia a eles estudarem, continuariam escrevendo a história que interessava a eles e deixariam a parte das mulheres para as feministas, era inclusive um conforto, não precisariam se preocupar com essa “categoria” e poderiam se concentrar no que era relevante para eles (SCOTT, Joan. 1989, p.5).

Foi necessário reavaliar o método e partir para uma história do gênero<sup>2</sup>, que estuda as relações entre homens e mulheres na sociedade, ao falar sobre mulher também falamos sobre homem, pois o que define um é a relação com o outro, a posição de um define a do outro, pensando por esse ponto de vista, estudar apenas homens ou mulheres é insuficiente, pois a sociedade é definida pela relação entre os dois.

Outro fator reavaliado foi o conceito de mulher como uma categoria única, as diferenças entre as mulheres vieram à tona, brancas, negras, indígenas, pobres, vivem realidades completamente diferentes (SOIHET, Rachel. PEDRO, Joana M. 2007, p.287). Existe um fator comum unindo as mulheres e não é apenas o biológico, mas sim o que é construído socialmente a partir dele, todas se encaixam na categoria mulher, desde o nascimento, o que une as mulheres é a relação de poder que os homens exercem sobre elas, todas as mulheres pertencem a essa categoria que não é a dominante, elas

---

<sup>2</sup> Gênero na concepção de Joan Scott é a construção social que define mulheres e homens, designando seus papéis na sociedade de forma hierárquica. Essa visão sobre gênero busca quebrar a ideia de que existe um papel inato aos homens ou às mulheres na sociedade, de que a biologia determina essa hierarquia de forma natural.

vivenciam isso de maneiras diferentes, mas sempre serão colocadas em seu lugar de mulher, independente da posição que exerçam.

Um exemplo atual é o da Dilma Rouseff, primeira mulher a ocupar o maior cargo político no Brasil, escolhida pelo povo por dois mandatos consecutivos, a ex-presidenta, mesmo ocupando tal cargo, enfrentou piadas e críticas severas ligadas ao gênero, a ponto de espalharem adesivos que representavam a imagem dela com as pernas abertas, insinuando um estupro, uma violência e ridicularização que não vemos acontecer com os políticos do sexo oposto. Qualquer erro cometido por uma mulher é rapidamente relacionado ao seu gênero, na tentativa de reafirmar que ela não deveria estar ali, não tem capacidade para isso, deveria permanecer silenciosa no espaço privado, realizando as tarefas que ela nasceu pra fazer, as tarefas do lar.

Portanto, existe um elemento em comum que une as mulheres e é esse lugar de inferioridade ao homem, onde todas foram colocadas, o que une um conjunto de pessoas a uma mesma identidade é a forma como os grupos dominantes as enxergam e excluem (HALL, Stuart. 2005, p.86). Porém, como cada mulher vive uma realidade diferente, é preciso que os diferentes pontos de vista sejam analisados, a história da mulher passa a se preocupar com essa questão e se torna a história das mulheres.

Temos então, atualmente, uma historiografia completamente modificada, onde as mulheres são inseridas, ainda de forma desigual, como uma história extra, não pertencente à história universal, não houve uma mudança estrutural na historiografia no que se refere à categoria de gênero, mas tivemos importantes avanços teóricos nesse sentido.

Houve um aumento significativo dos estudos voltados para esta área, encontramos cada vez mais trabalhos científicos sobre a mulher na história e os conflitos de gênero na sociedade. Já não nos contentamos apenas com os olhares e narrativas masculinos. Isso tem acontecido visivelmente no meio acadêmico e científico, mas será que essas mudanças atingem também a educação básica? Se os avanços acadêmicos não saem dos muros universitários para atingir a população geral, se tornam apenas retóricas jogadas ao vento.

Mesmo na universidade, apesar dos avanços, a história das mulheres ainda tem um espaço muito pequeno se comparado ao espaço masculino, geralmente ela é lembrada por professoras mulheres, que na primeira oportunidade fazem questão de levantar o debate a cerca do tema, afinal, sempre foi das mulheres o maior esforço para que a história não continuasse ignorando a presença delas (nossa) na sociedade.

Foi na universidade, ambiente de construção de conhecimentos, de debates e questionamentos, que eu, mulher e estudante, me dirigi para um professor do curso, tentando contar sobre a minha idéia de pesquisa, a idéia de unir história da mulher e educação, e recebi como resposta um claro desdém sobre o tema, chegando a me perguntar se eu tinha certeza que queria falar apenas sobre isso, como se fosse uma idéia absurda ou sem importância alguma.

Bom, nada de novo no fronte, não é de hoje que os homens desdenham da nossa preocupação com as questões de gênero nos diversos campos de estudo, e também não é a primeira vez que um homem tenta me desestimular de alguma forma. Somente quando resolvi tomar coragem e falar com uma professora sobre o tema é que eu obtive o entusiasmo que precisava para levá-lo à frente, também não é de hoje esse apoio mútuo entre nós mulheres, portanto, esse trabalho está mergulhado, desde o início, nas questões de gênero, não fosse o olhar atencioso de uma mulher, talvez ele tivesse se perdido nas palavras de desdém proferidas por um homem.

## Capítulo 02

### **GÊNERO, EDUCAÇÃO E LIVRO DIDÁTICO**

Se no meio acadêmico encontramos essa resistência ao tema, é difícil sabermos o que esperar da educação básica em relação à história das mulheres, levando em conta os retrocessos que estamos vivendo politicamente e que reflete nas questões sociais, esse quadro fica ainda mais grave. Há uma visível separação entre o conteúdo de história que aprendemos na universidade e o conteúdo de história que é ensinado na educação básica, percebemos isso na prática. Angela R. Ferreira (2005, p.12) afirma:

Se os currículos trazem o novo debate historiográfico, principalmente sobre a Nova História, com seus novos objetos, novas fontes, novas abordagens (...), teoricamente essa inovação deveria estar presente nos livros didáticos.

O ensino básico precisa seguir os avanços sociais e científicos já que um dos objetivos primordiais da educação é transmitir e gerar conhecimento, a história está sempre se renovando, surge novas descobertas, pontos de vista diferentes, o ensino de história também precisa renovar-se, principalmente quando se trata de incluir as “minorias”<sup>3</sup>, pois essas minorias estão nas salas de aula, na sociedade e necessitam de representatividade nos conteúdos. A educação deve abordar a relação dos seres humanos no mundo, o ser e sua interação com a sociedade, do contrário seria uma educação alienante (FREIRE, Paulo. 1987, p.45).

Esses grupos que não são os dominantes vivenciam a exclusão na sociedade, em diversos ambientes, é crucial que na escola seja abordada essa exclusão, para que todos tenham consciência que ela existe, não tem como enfrentar o inimigo sem conhecê-lo, a escola deve ser o contrário de um ambiente alienante, deve ser um ambiente de conhecimento, de empoderamento<sup>4</sup>, onde os excluídos possam entender os motivos de sua exclusão e ganhar força para lutar contra ela, ganhar voz para enfrentá-la, a educação não pode ser conivente com o preconceito, deve combatê-lo. Para Reis (2013, p.68):

---

<sup>3</sup> O termo “minorias” representa os grupos não privilegiados na sociedade, aqueles que sofrem preconceito e exclusão, negros e negras, indígenas, mulheres, pobres...

<sup>4</sup> A palavra Empoderamento tem sua origem na palavra inglesa empowerment, que significa dar poder, o termo se tornou popular atualmente pelo feminismo. Através da conscientização vem o poder de desconstrução das imposições sociais, dando um poder de libertação para o sujeito reprimido.



A educação que inclui reforça o desenvolvimento das capacidades individuais e coletivas, ao mesmo tempo que contribui para o exercício dos direitos humanos, princípio básico do reconhecimento e valorização da diversidade. Ser, estar e conviver com o outro são direitos constituídos que garantem ao ser humano o exercício de sua condição humana e, portanto, de sua diversidade, de suas diferenças. Por isso, não se constrói a diversidade por uma via de mão única; ao contrário, vislumbrar uma sociedade mais inclusiva requer do Estado, da educação, da sociedade civil e da família envolvimento contínuo na defesa da diversidade humana.

No que se refere às mulheres, é preciso que o seu empoderamento comece na escola, é importante que as meninas entendam porque foram colocadas na caixinha do feminino, onde existem regras bem rígidas sobre o que elas podem fazer ou não, o que devem vestir, como devem se portar, em quais profissões elas se encaixam, quais esportes podem praticar, a cor que devem usar, a sua sexualidade, tudo já foi pré-definido quando descobriram o sexo biológico dela ainda na barriga de sua mãe. Desconstruir a idéia de que esses fatores são genéticos e imutáveis, é de extrema importância, pois dará as meninas autonomia para escolherem o que querem ser e lutarem por isso.

Quando te dizem desde pequena que você não nasceu para jogar futebol, você provavelmente nunca irá ser uma grande jogadora de futebol, no primeiro erro acreditará que estavam certos e que você não tem capacidade para aquela atividade, a mulher está sempre sendo testada, avaliada, criticada e desestimulada a algumas atividades consideradas masculinas, se desenvolver nesse cenário é extremamente difícil.

Ter um referencial feminino é importante nesse processo de empoderamento, ao conhecer mulheres que fizeram parte da história (cientistas, guerreiras, escritoras, artistas e etc.) irão perceber que também são capazes de tais feitos. Por isso a importância do ensino de história abordar as mulheres em seu conteúdo, fora o fato de que não existe sociedade sem mulheres e, portanto elas também fazem parte da história tanto quanto os homens, negligenciá-las é contar uma história incompleta.

“Para formar o “povo” é necessário incluí-lo na história e não educá-lo numa escola que reforça e legitima a sua exclusão. As pessoas precisam estudar uma história em que ser percebam parte do todo e não meros figurantes no processo histórico.” (FONSECA, 2003 apud FERREIRA, Angela R. 2005, p.16)

Alguns temas que antes eram ignorados têm sido estudado e debatido atualmente nas escolas, mas geralmente acontecem em momentos pontuais, como no dia da mulher, por exemplo, as escolas promovem eventos falando sobre os direitos das mulheres,

denunciando as violências que elas sofrem, enaltecendo-as, mas um dia no ano não parece o suficiente para trabalhar todas as questões que envolvem gênero.

É necessária uma formação de professores voltada para a diversidade, precisam saber lidar com as diferenças e os preconceitos na sala de aula, ter como objetivo a conscientização dos alunos sobre essas questões. Vemos muitos professores reforçando esses preconceitos, dando respaldo a essas práticas, reprimindo os alunos e reproduzindo na escola os problemas sociais que deveriam combater.

## **2.1 O Livro Didático: Uma Realidade na Sala de Aula**

As mudanças no livro didático também são necessárias, precisamos de livros que não reproduzam esses preconceitos e incluam as minorias em seu conteúdo, pois “ele ainda é um dos instrumentos de aprendizagem mais utilizados e, em muitos casos, o único utilizado em sala de aula no ensino fundamental, quando infelizmente, não há o contato dos alunos com outros materiais e informações de outras fontes.” (FREITAS, Neli K. HAAG, Melissa, 2008)

Temos de ter consciência da carga horária sobrecarregada de um(a) professor(a) do ensino fundamental e médio, das regras que a escola e os pais impõem, saímos da universidade empolgados, querendo chegar na sala de aula e transformar a educação, mas acabamos frustrados porque não conseguimos colocar esse desejo em prática, o trabalho do(a) professor(a) é extenuante, muito emocional e muito cansativo, quando você menos percebe já está agindo da maneira que criticava, usando apenas o livro didático, sem ter tempo para procurar materiais de apoio, muitas vezes sem conseguir ao menos apresentar um filme, um documentário, algo que acrescente ao aprendizado. Marco Antônio Silva (2012, p.817) afirma:

O livro didático, sobretudo a partir da década de 1960, vem sendo utilizado como um mecanismo de (in)formação do professor. Além disso, ao que tudo indica, é um instrumento didático predominante ou único em muitas salas de aula em todo o país. Essa fato é um desdobramento da precariedade das condições de formação e trabalho dos professores brasileiros. As deficiências na formação e precárias condições de trabalho fomentam o uso massivo e pouco crítico do livro didático em sala de aula.

A grande maioria dos professores baseia suas aulas no livro didático, os próprios alunos exigem essa atitude, a direção muitas vezes cobra que o(a) professor(a) siga o livro e a falta de tempo e energia do(a) professor(a) acaba fazendo ele(a) buscar o

caminho mais fácil e mais prático. Mas será que o livro didático tem acompanhado as questões sociais? Será que ele tem acompanhado os avanços na historiografia?

O livro didático reflete a sociedade em que vivemos, ele tende a seguir as normas sociais, as tendências sociais (Silva, G. V. da, 2009 p.5), a sociedade têm avançado lentamente nos debates sociais, esses avanços, mesmo que singelos, são de extrema importância para o desenvolvimento humano. Neste trabalho irei analisar uma coleção de livro didático de história, e através dela perceber se existe a preocupação com a representação das mulheres no conteúdo, de que forma essas mulheres aparecem, com que frequência, em quais momentos e como são retratadas.

## **2.2 O Processo de Realização e Escolha do Livro Didático**

Sempre que buscamos analisar e entender um livro, precisamos buscar primeiramente a sua origem, quem o fez, em que época, contexto, forma, com qual finalidade e quais intenções, com o livro didático não é diferente e existem agravantes, por serem livros destinados a educação, existem leis, normas e nas instituições públicas há todo um processo de seleção.

De acordo com o Portal do Governo Brasileiro<sup>5</sup>, a primeira fase do processo de realização do livro didático é um edital onde os autores inscrevem seus materiais, após inscrição a Secretaria de Educação Básica (SEB) convida universidades públicas de notório saber para analisá-los, cabe a essas universidades escolhidas montarem equipes de pesquisadores e professores universitários (com experiência acadêmica, didática e pedagógica) e docentes da educação básica, que devem ser no mínimo mestres, para fazerem a análise dos materiais, não há exigências quanto ao gênero dessas pessoas, não é obrigatório que mulheres participem desse processo, também não se fala em etnias.

Tais materiais devem seguir alguns critérios, o site especifica alguns, entre eles a proibição do preconceito de raça, etnia e gênero, mas tal proibição não garante a discussão sobre o tema. Os materiais devem estar pautados nas leis de diretrizes e bases da educação nacional (LDB) e no plano nacional da educação (PNE), bem como na constituição brasileira e no estatuto da criança e do adolescente. Não se fala sobre gênero na LDB, é citada a questão racial, mas não podemos concluir que nela está contemplada a mulher negra, já que não há essa especificação, e em uma sociedade que

---

<sup>5</sup>Disponível em: <http://brasil.gov.br/>. Acesso em: 10 jul. 2018.

privilegia os homens, não podemos deduzir que o bom senso do autor incluirá as mulheres negras na questão étnica e racial.

Após essa primeira etapa de análise dos materiais didáticos, aqueles que forem selecionados pela equipe competente estarão disponíveis no Guia digital do PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) para a segunda etapa, é a vez dos professores e diretores das escolas analisarem e escolherem os materiais que desejam utilizar em sua instituição.

O decreto de número 9099, na data de 18/07/2017, altera os processos de avaliação e seleção dos livros e materiais didáticos, com esse decreto, as universidades que antes eram escolhidas pra organizar a equipe de avaliação, agora serão substituídas pelo ministro da educação, ele passará a indicar os profissionais que serão responsáveis pela avaliação dos materiais, e outra parte da equipe será selecionada pelo MEC, através dos seus bancos de dados que contém profissionais interessados nessa função.

Essa mudança parece querer excluir o caráter intelectual na seleção dos materiais, o que pode alterar completamente as características dos livros que irão fazer parte do Guia digital do PNLD, por mais que os livros tenham que seguir regras pautadas em leis específicas, dentro dessas leis existem inúmeras brechas, pode existir uma enorme variedade de livros que se encaixam nas regras, mas que são completamente diferentes, tirar a intelectualidade no processo de seleção, abre caminho para a escolha de livros mais técnicos, mais voltados para a formação de trabalhadores e sem muita preocupação com a questão social.

## CAPÍTULO 03

### ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

Os livros analisados fazem parte do material didático de história utilizado pelo ensino médio, na escola Estadual Luiz Augusto Azevedo de Menezes, localizada no centro de Delmiro Gouveia, no sertão Alagoano, eu não escolhi o livro que iria analisar, escolhi uma escola pública conhecida na região, que forma boa parte da juventude local, decidi pelo ensino médio, por estarem nas últimas etapas da educação básica, e, portanto, supostamente tem um contato mais profundo com as discussões sociais, como a discussão sobre gênero.

A coleção de livros didáticos que analisei, intitula-se “História, Sociedade & Cidadania”<sup>6</sup>, são três livros, referentes ao primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio, na versão do manual do professor, começaram a ser utilizados na escola no ano letivo de 2018 e poderão ser usados até 2020. Segundo um dos professores da escola, a coleção não foi a escolhida como favorita pelos professores, e sim, a última opção, mesmo assim, foi o livro que a escola obteve. Os materiais deveriam ser escolhidos pelos professores, não houve uma explicação clara do motivo para que a coleção eleita como a última opção dos professores tenha sido justamente a coleção adquirida pela escola.

Pelo título percebemos que há uma preocupação com um conteúdo para além da história, mas que abrange também a sociedade e a cidadania, portanto, esperamos um conteúdo que aborde as questões sociais, afinal, sociedade e história andam juntas, todos os conflitos sociais fazem parte da história da humanidade e devem ser analisados dentro dessa perspectiva, buscando sua origem, sua formação, suas conseqüências, para que os estudantes possam entender que toda a nossa cultura e forma de viver está associada a um processo histórico gradual.

O autor dessa coleção é um homem, Alfredo Boulos Júnior<sup>7</sup>, a equipe de edição conta com 26 mulheres e 23 homens, sendo que, os ilustradores são todos homens, é

---

<sup>6</sup> História, Sociedade & Cidadania, 1º ano / Alfredo Boulos Júnior – 2.ed. – São Paulo: FTD 2016  
História, Sociedade & Cidadania, 2º ano / Alfredo Boulos Júnior – 2.ed. – São Paulo: FTD 2016  
História, Sociedade & Cidadania, 3º ano / Alfredo Boulos Júnior – 2.ed. – São Paulo: FTD 2016

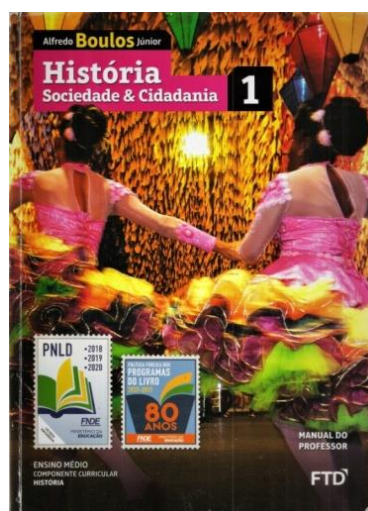
<sup>7</sup> Alfredo Boulos Júnior é doutor em educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em ciências (área de concentração: História Social) pela Universidade de São Paulo. Lecionou na rede pública e particular.

importante saber a quantidade de mulheres e homens envolvidos nesse processo, pois, isso influencia diretamente no conteúdo, é certo que a história foi escrita por muito tempo apenas por homens, e isso fez com que as mulheres fossem deixadas de lado ou retratadas de forma distorcida pelo olhar masculino, a presença das mulheres na historiografia e nos demais campos científicos e sociais traz novas perspectivas, através das suas vivências sociais enquanto mulheres, pontos de vista totalmente diferentes dos homens, de acordo com Michelle Perrot (2015, p. 22):

Em compensação existe uma abundância, e mesmo um excesso, de discursos sobre as mulheres; avalanche de imagens, literárias ou plásticas, na maioria das vezes obra dos homens, mas ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas as viam ou sentiam.

### 3.1 Análise do Livro História, Sociedade & Cidadania 1

O primeiro livro da coleção é referente ao primeiro ano do ensino médio, tem na capa a imagem fotográfica de duas meninas dançando quadrilha de São João, uma delas é negra, portanto, já de início vemos a representação das mulheres, da mulher negra e da cultura nordestina. Levando em conta que este livro está sendo usado também no nordeste e nesse caso, no sertão Alagoano, na cidade de Delmiro Gouveia, onde a tradição do São João e das quadrilhas é muito forte, onde grande parte da população é de mulheres negras, temos então uma capa de importante representatividade para os alunos e alunas.



**Figura 01:**Capa do Livro.  
(BOULOS, Alfredo, 2016 v.1)

O livro está dividido em 4 unidades, que correspondem aos 4 bimestres escolares, dentro de cada unidade temos os capítulos que no total somam 14, de todos esses vemos apenas um subtítulo no “capítulo 4 – África antiga: Egito e Núbia”, que se refere à mulher, intitulado “A candace: o papel da rainha-mãe”. Nos demais títulos e subtítulos não vemos referências explícitas sobre as mulheres. Isso não quer dizer que o livro não inclua em seu conteúdo a história das mulheres, mas demonstra que essa história não é vista com a importância digna de título ou subtítulo.

Na primeira unidade, intitulada “Técnicas, tecnologias e vida social”, temos uma introdução com quatro imagens, as quatro contendo mulheres, a primeira imagem mostra duas mulheres negras realizando uma colheita em um campo na Etiópia, em seguida vemos a imagem de uma mulher branca em uma plantação de uvas na França, e na próxima imagem vemos uma mulher negra ao lado de um homem branco, participando de uma teleconferência em um escritório, a última imagem é de uma menina asiática usando um smartphone. De início podemos perceber a preocupação com a diversidade contida nas imagens, a predominância da figura feminina, representando a mulher negra, branca e asiática.

No “Capítulo 1- História, cultura, patrimônio e tempo”, o autor faz uma breve reflexão sobre o machismo e sua permanência na sociedade ao longo dos séculos, não explica a fundo sobre o tema, apenas usa como exemplo de algo que se mantém vivo ao longo da história. Nessa mesma página temos a capa do livro “História das Mulheres do Brasil” organizado pela historiadora Mary Del Priore, a imagem da capa do livro está posicionada ao lado do texto principal, mas nada é dito sobre ele. Ao falar sobre as fontes históricas o autor utiliza um trecho da Lei Maria da Penha como exemplo para fontes escritas, parecem escolhas aleatórias, que servem de exemplo em sua explicação sobre a história e as fontes.

Para citar um patrimônio imaterial da humanidade o autor escolhe a produção de panelas de barro pelas artesãs do Bairro Goiabeira Velha, em Vitória-ES, uma caixa de texto que ocupa quase a página toda, explica sobre esse ofício, sua importância e a importância de sua permanência, podemos perceber então a preocupação do autor em citar as mulheres e o que se refere a elas, nesse primeiro capítulo.

As mulheres só voltam a aparecer novamente após 18 páginas, no segundo capítulo, que fala sobre os primórdios da humanidade, passando de nômades, caçadores e coletores para sedentários agricultores, no subtítulo “Agricultura, uma descoberta revolucionária” o autor fala sobre a agricultura possivelmente ter sido uma descoberta

das mulheres, essa é a única citação sobre as mulheres nesse capítulo, não fala sobre o importante papel de coletora que a mulher exercia quando ainda eram nômades, não fala sobre as mudanças na vida das mulheres após a agricultura, o aumento da natalidade, a exclusão da mulher na vida pública, segundo STEARNS, Peter N (2007, p.31):

O deslocamento da caça e coleta para a agricultura pôs fim gradualmente a um sistema de considerável igualdade entre homens e mulheres. Na caça e na coleta, ambos os sexos, trabalhando separados, contribuíam com bens econômicos importantes.

Após essas mudanças a mulher passa a se dedicar somente aos filhos e a casa, é o início da desigualdade entre os gêneros, do patriarcado e da dominação das mulheres pelos homens, uma passagem importante para desmistificar a idéia de que a desigualdade existe por condições biológicas, mostrando que foram as condições sociais que transformaram as relações humanas em relações divididas pelo sexo biológico, porém, nada sobre isso é dito no livro didático.

“A candace: o papel da rainha-mãe” é o único subtítulo que faz referência a mulher em todo o livro, encontra-se no “capítulo 4-África Antiga: Egito e Núbia”, é o único tópico voltado somente para a questão da mulher na história, no caso, mulheres africanas, do reino de Kush que tiveram papéis políticos importantes, chegando a chefiar o Estado, exalta a importância do papel dessas mulheres na história desse reino, é a primeira vez no livro que mulheres aparecem como agentes históricos, é uma pena que esse tópico se resume a poucas linhas e uma imagem.



**Figura 02**  
(BOULOS, Alfredo, 2016. v.1, p.73)

Nos capítulos seguintes o livro aborda as primeiras sociedades, os Hebreus, Fenícios e Persas, não cita as mulheres em nenhuma dessas sociedades, elas também não são citadas no capítulo seguinte que fala sobre a China Antiga. Só irão aparecer



novamente na unidade 3 –“Democracia: passado e presente” no capítulo que fala sobre a Grécia Antiga, cita brevemente a falta de direitos das mulheres, que não eram consideradas cidadãs, cita algumas deusas femininas no tópico que fala sobre religião.

O destaque está em um texto complementar quase que escondido no final do capítulo, depois das atividades, sagazmente o autor faz um link entre a beleza cultuada pela sociedade grega na antiguidade e o padrão de beleza feminino das últimas décadas. Vemos a imagem de três mulheres consideradas dentro do padrão de beleza de cada época, as três têm em comum o fato de serem brancas e magras, muda o nível de magreza, as curvas do corpo, os cabelos e os estilos das roupas.



**Figura 03**

(BOULOS, Alfredo, 2016. v.1, p.138)

Abaixo das imagens vemos recortes de um texto da historiadora Mary Del Priore, em que fala sobre o padrão de beleza ao longo dos séculos, em seguida, traz perguntas sobre o tema, para os alunos responderem, no final o autor faz um contraponto com a biologia, falando sobre a anorexia e pedindo para o aluno pesquisar mais sobre o tema, poderia ter abordado a questão racial, já as mulheres negras não estão dentro do padrão de nenhuma das três décadas representadas.

Esse texto complementar foi uma das escolhas mais felizes do autor, no que diz respeito a se preocupar em trazer questões relacionadas a mulher no livro didático, pois, não é um assunto exigido por lei, não faz parte do currículo escolar, não é comumente abordado na sala-de-aula, e é um tema importante para as estudantes, pois é algo que compõe seu dia-a-dia, todas as meninas são atingidas de alguma maneira pelo padrão de beleza social, esse padrão muda completamente a forma como essas meninas serão vistas ou tratadas e como elas sentirão diante da sociedade.

Trazendo esse complemento, o autor permite que os professores tratem o tema em sala de aula sem sair do conteúdo programado, e se levarmos em conta que a grande maioria dos professores se apóia no livro didático para preparar sua aula, trazer tal questionamento fará com que professores abordem um assunto que provavelmente não seria lembrado na grande maioria das salas de aula.

Nos capítulos seguintes o livro passa pela Roma Antiga, Império Bizantino, Franco, um resumo da Idade Média, Feudalismo, e não se fala quase nada sobre as mulheres, ao falar sobre a Guerra do Cem Anos ele exalta Joana d'Arc como responsável por “vitórias extraordinárias” para o exército Francês.



**Figura 04**

(BOULOS, Alfredo, 2016. v.1, p.201)

Sobre a civilização árabe-muçulmana o autor coloca no início do capítulo a imagem de mulheres com o véu Islâmico em um mercado na Itália, um pequeno texto sobre a polêmica do uso do véu na Europa, sobre países que proibiram o uso e lança o questionamento para os alunos debaterem. Mas em todo o conteúdo nada é dito sobre a mulher na cultura árabe-muçulmana, quais são as condições em que elas vivem, a posição delas na sociedade e as regras que devem obedecer.

Elisabeth I é a figura mais exaltada dentro do texto comum, sem ser uma caixa de texto em anexo ou uma leitura complementar, o autor a coloca como responsável pelos tempos áureos do Absolutismo inglês, é uma personagem representativa, rainha de um grande império poderoso, colocá-la como responsável pela melhor fase do absolutismo inglês é importante, exalta a capacidade da mulher como estrategista e governante.

No capítulo que aborda as Formações Políticas Africanas, encontramos imagens de mulheres Africanas e afro-descendente, mostrando os acessórios, roupas coloridas, cabelos, maquiagem, todo esse cuidado que envolve religião, cultura e beleza. É de

suma importância para as estudantes negras, que irão utilizar esse livro didático, ter a representação de mulheres negras, através de imagens e da escrita, a imagem é o meio de comunicação mais eficaz hoje em dia e quando se trata do fenótipo é sem dúvida a linguagem mais eficaz.

As meninas negras não se vêm representadas nas mídias mais populares, é fato que isso tem mudado muito com a pressão do movimento negro, as empresas preferem se adaptar as mudanças sociais a serem criticadas pelos movimentos e perderem seu prestígio, perceberam que ao se adequarem ganham mais prestígio e se tornam o diferencial no mercado. Uma pesquisa realizada pela empresa Heads Propaganda <https://www.b9.com.br/84190/participacao-da-mulher-negra-na-publicidade-brasileira-aumentou-em-2017-mas-ainda-com-destaque-para-celebridades/><sup>8</sup>, referente ao ano de 2017, mostra que em 2015, apenas 1% das mulheres em comerciais eram negras, em 2016, 13%, e em 2017, 21%, mesmo que ainda sejam minoria, podemos ver um aumento significativo das mulheres negras nas propagandas.

É fato que antes dessas mudanças atuais, não havia quase nenhuma representatividade negra nas mídias, e na maioria das vezes era deturpada, colocadas em personagens totalmente estereotipados. Antes da formulação da Lei 11.645/08, modificada pela Lei n o 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que torna obrigatório o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas, os livros didáticos falavam das populações negras apenas nos capítulos sobre a escravidão, sem trazer a história da África e as origens dos negros escravizados e não escravizados. A lei alterou o conteúdo do livro didático, mesmo ainda não sendo o ideal, agora temos a História da África, mostrando as diversidades culturais do continente, trazendo imagens representativas<sup>9</sup>.

Ter imagens que exaltam a mulher negra é de extrema importância, pois o padrão de beleza social ainda é o branco, o simples fato das meninas negras verem outras meninas e mulheres negras na televisão, na revista, nas redes sociais e no livro didático, faz com que elas se sintam representadas e aceitem suas características físicas com mais facilidade, passando a enxergar a beleza nos seus traços, pois o padrão de beleza é aquele mostrado e exaltado pelas mídias, se a mídia mostra mulheres negras sendo exaltadas por sua beleza e sua capacidade intelectual, isso influencia a forma como a sociedade irá enxergá-las.

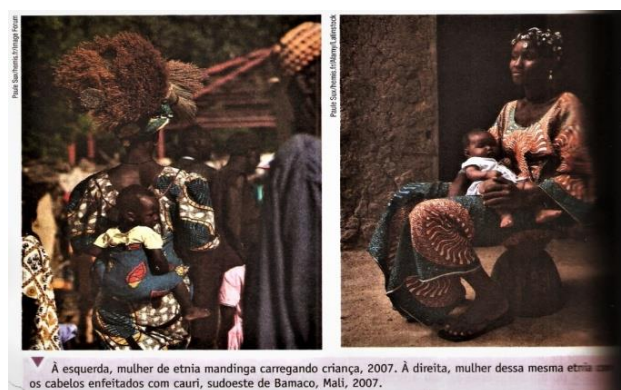
---

<sup>8</sup> <https://www.b9.com.br/84190/participacao-da-mulher-negra-na-publicidade-brasileira-aumentou-em-2017-mas-ainda-com-destaque-para-celebridades/> Acesso em: 20 jul 2018.

<sup>9</sup>Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/lei-10639-03-ensino-historia-cultura-afro-brasileira-africana.htm>. Acesso em: 20 jul. 2018.

É claro que o preconceito não será extinto apenas pelo fato de mulheres negras estarem sendo representadas na mídia, mas é um fator que contribui muito para que essa mudança ocorra. Desde pequenas as meninas negras brincam com bonecas brancas e não se vêem representadas em lugar algum, aos poucos elas vão aprendendo que a sua imagem não é admirada, não é aceita, é excluída e deve permanecer escondida, portanto, essas pequenas mudanças no dia-a-dia fazem grande diferença.

Infelizmente, no livro didático em questão, vemos apenas representações de mulheres negras em imagens, pouco é dito sobre elas no texto, somente ao falar do reino do Congo é que o autor cita o trabalho das mulheres na agricultura, de suma importância para a sobrevivência nessa sociedade.



**Figura 05**  
(BOULOS, Alfredo, 2016. v.1, p.201)

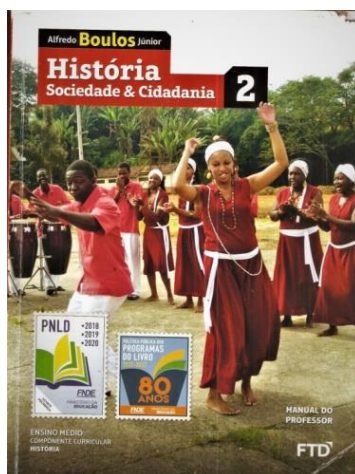


**Figura 06**  
(BOULOS, Alfredo, 2016. v.1, p.225)

### 3.2 Análise do Livro História, Sociedade & Cidadania 2

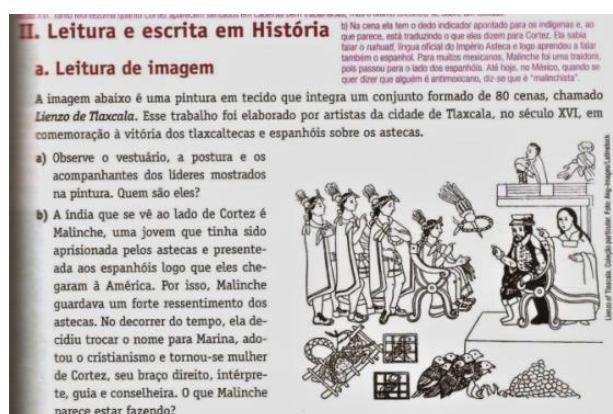
Na capa do segundo livro vemos uma foto de um grupo de Jongo de SP, manifestação cultural de origem Banto, vemos homens e mulheres, todos negros, dançando e tocando, com trajes específicos da cultura do jongo, portanto, de início

vemos a preocupação com a representatividade da cultura negra, veremos adiante se essa preocupação se mantém dentro do conteúdo.



**Figura 07:** Capa do Livro (BOULOS, Alfredo, 2016. v.2.)

No sumário não vemos nenhuma referência à mulher em títulos ou subtítulos, no primeiro capítulo, sobre os indígenas da América, encontramos, vemos imagens de três mulheres indígenas (asteca, inca e kaiapó), estão ali apenas para ilustrar as diferenças entre as sociedades indígenas da América, o capítulo não aborda sobre a vida das mulheres nessas comunidades e ignora a existência delas nas sociedades Astecas, Maias e Incas, apenas quando fala dos indígenas brasileiros o autor aponta superficialmente a divisão sexual do trabalho.



**Figura 08**  
(BOULOS, Alfredo, 2016. v.2, p.51)

Ao falar da América Inglesa e América Espanhola, no segundo capítulo, o autor também não fala sobre as mulheres, no final do capítulo, logo depois das atividades, há

um texto sobre Malinche (figura 8), jovem presenteada pelos astecas aos espanhóis, que se adequou à cultura europeia e passou a ser uma figura importante para o oficial Hernan Cortez, ela conquistou destaque em terreno inimigo, ganhou a confiança do líder e passou a ajudá-lo em suas decisões, Malinche quase chega a ser uma figura mística, é astuta, sábia e esperta, conseguiu conquistar espaço em uma cultura completamente diferente, porém aparece, no livro, apenas nesse texto complementar e de forma muito breve.

No capítulo quatro “Africanos no Brasil: dominação e resistência”, ao retratar os brasileiros afrodescendentes, foram escolhidas quatro personalidades atuais, três homens e uma mulher, sendo ela a cantora Ludmilla<sup>10</sup>, mulher negra, jovem, que conquistou a fama nacionalmente, uma representatividade importante para muitas meninas, a cantora exalta a beleza da mulher negra, a independência, força e personalidade das mulheres, o autor foi feliz em escolher uma personalidade que conversa diretamente com os jovens, que pertence ao universo deles e portanto desperta o interesse ao conteúdo.

Nesse mesmo capítulo encontramos imagens de manifestações culturais de origem africana no Brasil, mais uma vez o jongo que vimos na capa do livro, com homens e mulheres, o Tambor de Crioula da cultura Jeje, do Maranhão, onde vemos mulheres dançando e o grupo Ilê, Ayê da cultura ioruba, na Bahia, vemos homens e mulheres dançando em trajes coloridos.



**Figura 09**  
(BOULOS, Alfredo, 2016. v.2, p.83)

<sup>10</sup>Ludmilla Oliveira da Silva é cantora, compositora e empresária brasileira.

Além das imagens, não temos muitas referências às mulheres negras escravizadas, o autor fala sobre o trabalho que elas exerciam no Brasil Colonial, trabalho doméstico nas casas dos senhores, como parteiras, cuidando dos enfermos, amamentando os filhos dos senhores e também o trabalho de comerciante. Mas não se fala nada sobre os maus tratos, os abusos e estupros por parte dos senhores, dos filhos que elas tiveram provenientes desses abusos.

O autor também não cita a participação das mulheres negras na luta contra a escravidão, nas revoltas ou nos quilombos, nem ao menos Dandara dos Palmares é citada, a personagem feminina mais conhecida nesse contexto histórico, Dandara é símbolo de resistência, da força feminina, da luta pela liberdade, é uma importante referência para as meninas negras. Apenas Chica da Silva é citada, como esposa de João Fernandes com quem teve 13 filhos, nada mais é dito sobre ela.

Um ponto positivo é o fato de o autor ter citado muitas historiadoras ao longo desse conteúdo, foram quatro historiadoras citadas somente nesse capítulo, usadas como referência para alguma teoria e argumentação histórica, é importante esse destaque das mulheres na historiografia, são exemplos de pesquisadoras renomadas que contribuem imensamente para as descobertas da história

Nos capítulos seguintes, sobre a Revolução Inglesa e industrial, assim como no primeiro livro, o autor cita mais de uma vez a rainha Elizabeth I e traz uma grandiosa imagem de Elizabeth II na primeira página do capítulo. Ao falar sobre a industrialização e a vida dos trabalhadores na fábrica, o autor fala também sobre a vida das mulheres operárias, porém, ao falar sobre as manifestações e greves, não cita a participação das mulheres, cita somente as pautas que eram exigidas nas greves em relação ao trabalho feminino nas fábricas, mas não dá nenhum indício de que houve uma participação feminina.

Catarina II é a terceira personagem feminina citada dentro do conteúdo textual principal, no sétimo capítulo “O Iluminismo e a Formação dos Estados Unidos”, as outras duas personagens citadas foram Chica da Silva e Elizabeth I. O Autor exalta as influências de Catarina II para a modernização e o progresso da Rússia. Nesse mesmo capítulo fala sobre a independência dos EUA e o fato das mulheres terem continuado sem o direito ao voto, atribui ao feminismo a conquista do voto feminino em 1920, essa referência legitima o movimento feminista como responsável por essa conquista importantíssima para as mulheres.

Diante de todo o preconceito e deturpação ao movimento feminista é importante que ele seja colocado nos livros didáticos, pois é um dos maiores movimentos de mulheres, sobrevive há décadas, tendo diversas conquistas sociais, pesquisas e teorias acerca de temas ligados a mulher e ao gênero. Michelle Perrot (2015, p.162) escreveu sobre o feminismo: “Foi o feminismo que constituiu as mulheres como atrizes na cena pública que deu forma a suas inspirações, voz a seu desejo. Foi um agente decisivo de igualdade e de liberdade. Logo, de democracia.”

Boulos cita o feminismo muito brevemente, sem aprofundamento algum, um movimento tão importante para a história das mulheres é totalmente excluído do livro didático, a falta de conhecimento dos jovens sobre o movimento colabora com as visões deturpadas sobre ele.

Talvez o maior destaque do livro em relação a um movimento de mulheres, tenha sido no capítulo oito, quando fala sobre a Revolução Francesa, destacando a Marcha das Mulheres, ação exclusivamente feminina, mulheres marcharam armadas em direção a Versalhes para buscar o Rei e levá-lo de volta a Paris, elas foram vitoriosas em seu propósito, em toda minha vida escolar eu nunca ouvi falar sobre esse acontecimento, parece ser um fato pouco conhecido.

**Para refletir**

No dia 5 de outubro de 1789, diante da falta de pão, milhares de mulheres armadas decidem ir a Versalhes trazer o rei para Paris e garantir com isso o abastecimento da cidade. Veja o que um observador da época escreveu sobre essa marcha das mulheres.

As primeiras mulheres chegaram aos portões do castelo às cinco horas [...]. Quiseram obrigar as sentinelas a arrebentar os portões e abri-los. Estas se recusaram: não se abre a porta a desordeiros, a furiosos, muito menos a furiosas [...].

OSTERMANN, Nilsa Wink; KUNZE, Tole Carretta. *As armas, cidadãos! A França revolucionária (1789-1799)*. São Paulo: Atual, 1995. p. 51.



Gravura mostrando mulheres indo a Versalhes em outubro de 1789. O movimento das mulheres foi vitorioso. O rei e os cortesãos foram obrigados a retornar a Paris e residir no Palácio das Tulherias.

a) Com base no texto é possível afirmar que as mulheres tiveram participação importante na Revolução Francesa?

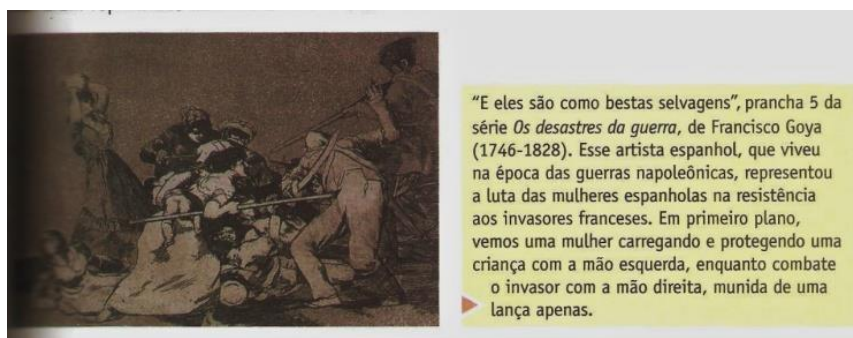
b) No texto há um indício sobre o modo como as mulheres eram vistas na França do século XVIII. Explique.

**Figura 10**  
(BOULOS, Alfredo, 2016. v.2, p.161)

Na página 183 encontramos uma imagem marcante, uma pintura de Goya muito simbólica, a pintura retrata a luta das mulheres Espanholas contra invasores franceses da tropa de Napoleão, na imagem uma mulher com uma criança no colo atinge o homem



com uma lança, uma mão segura a criança e a outra segura a lança. Goya viveu naquela época e presenciou as invasões, não temos como saber se ele viu mesmo essa cena, ou se ele quis retratar a força das mulheres que davam as suas vidas para defender a si e a seus filhos, o fato é que a imagem é forte e uma ótima escolha para demonstrar a força feminina.



**Figura 11**

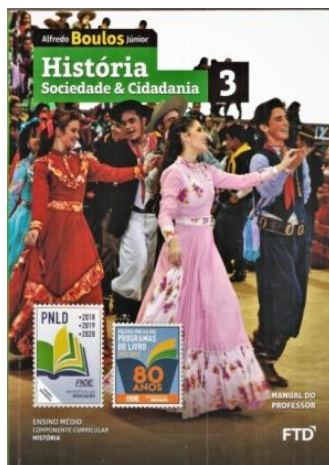
(BOULOS, Alfredo, 2016. v.2, p.183)

Parece que o autor gosta de colocar os textos sobre as mulheres no final do capítulo, mais precisamente, na última página, já depois das atividades, no capítulo nove ele usa novamente esse recurso, coloca trechos de um texto da historiadora Maria Lígia Prado, falando sobre a participação das mulheres nas lutas pela independência da América Latina, o texto é importante, ocupa quase duas páginas, exalta a coragem das mulheres ao arriscarem suas vidas pela causa, mostra que mulheres são tão fortes e corajosas quanto homens, que participavam das lutas, das transformações políticas e históricas. Tal texto poderia ter sido colocado junto ao texto principal, não faz sentido ficar escondido após as atividades, como se fosse um texto meramente adicional, sem muita importância.

Poucas vezes o autor refere-se às mulheres no texto principal, no capítulo onze ele cita a participação delas na Confederação do Equador, mostrando o manifesto redigido pelas Pernambucanas. Essas citações dentro do texto, mesmo sendo pequenas, acabam tendo mais validade que uma caixa de texto jogada em algum canto ou escondida na última página do capítulo, pois se está no texto principal então é considerado importante, tão importante quanto o restante do conteúdo, a participação das mulheres é colocada no mesmo patamar que a participação dos homens quando vemos ambos destacados no texto, ao posto que, quando vemos uma caixa de texto adicional, pensamos logo que é um conteúdo sem tanta importância.

### 3.3 Análise do Livro História, Sociedade & Cidadania 3

Na capa do livro temos jovens, meninos e meninas, em uma apresentação da tradicional dança gaúcha, com trajes típicos, vemos apenas jovens brancos, se levarmos em conta as capas dos demais livros da coleção, onde temos a representação predominante de homens e mulheres negras, conseguimos compreender em partes a escolha para a capa desse terceiro livro, porém, nem todos os alunos terão contato com a coleção por completo, então o ideal era que as três capas contemplassem a diversidade separadamente.



**Figura 12:** Capa do Livro  
(BOULOS, Alfredo, 2016. v.3)

No Sumário somente um capítulo traz a referência sobre o gênero feminino, o “capítulo 13 - O Brasil e a Nova Ordem Mundial” tem como um de seus subtítulos “O Governo de Dilma Rousseff”, essa é a única referência feminina em títulos ou subtítulos de todo o livro.

De fato o livro segue aquilo que já podemos perceber no sumário, as questões referentes às mulheres aparecem na maioria das vezes como textos complementares, quando aparecem no texto principal é de forma muito resumida, a primeira grande aparição das mulheres está no capítulo 2 da Unidade 1, “A Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa”, logo abaixo do título vemos a imagem de mulheres brancas trabalhando em uma fábrica de munições na Inglaterra e um pequeno texto fala sobre as mulheres terem tomado o lugar dos homens nas fábricas, enquanto eles estavam na guerra.

O capítulo volta a abordar a questão algumas páginas depois, no quadro “Para saber mais” cuja função é trazer informações extras ao conteúdo, nesse quadro temos mais duas imagens e um texto intitulado “A Mulher na Guerra”, trazendo a questão do papel da mulher e como ela passa a se enxergar após serem inseridas no mercado de trabalho. Na primeira imagem vemos uma mulher branca soldando uma peça em uma fábrica, ela está realizando um trabalho considerado masculino, ainda hoje vemos poucas mulheres em oficinas, portanto, a imagem quebra um estereótipo.

Essa quebra de estereótipo é importante para estimular a desconstrução dos papéis de gênero na sociedade, trazer novas possibilidades para as mulheres é de suma importância, enxergar a mulher para além do lar e das tarefas relacionadas ao cuidado e a servidão. Na segunda imagem vemos várias mulheres brancas ao lado de ambulâncias, são britânicas voluntárias na guerra. Três imagens e dois pequenos textos são tudo que temos no livro sobre essa mudança no mercado de trabalho que atingiu completamente a vida das mulheres e mudou os rumos da história.



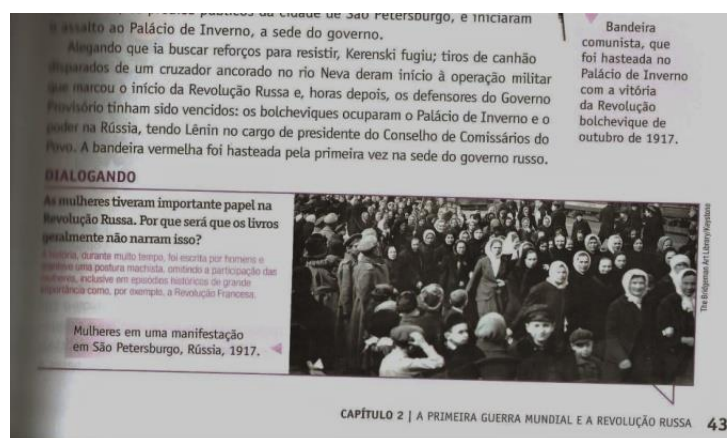
**Figura 13**  
(BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.29)



**Figura 14**  
(BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.34)

Nesse mesmo capítulo me deparei com algo extremamente contraditório, que chamou muito a atenção, um pequeno anexo com a imagem de mulheres brancas em uma manifestação na Rússia e ao lado um texto que questiona o motivo pelo qual as mulheres não são citadas nos livros que falam sobre a Revolução Russa, mesmo elas tendo participado ativamente no processo.

O próprio livro traz a resposta para tal questionamento, que é a história contada pelos homens e o machismo contido nela, porém, ironicamente o autor comete exatamente o mesmo erro que critica, não há nada no livro didático sobre a participação da mulher na Revolução Russa além desse quadro criticando a ausência das mulheres na historiografia sobre a Revolução Russa, nesse momento percebemos o quão está enraizado essa História masculina e machista, a ponto do autor acreditar que fazer essa crítica em um quadro no final da página é o suficiente para abordar a participação feminina nesse processo histórico.



**Figura 15**  
(BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.43)

No decorrer dos capítulos o livro segue a mesma lógica, não se refere às mulheres no texto principal, somente em quadros adicionais, ao falar de Canudos não cita a participação das mulheres na comunidade e na luta para mantê-la de pé, ao falar do cangaço traz apenas uma foto de Lampião e Maria Bonita, não discorre sobre a participação das mulheres nos bandos, nas lutas e na resistência.

No capítulo três, da primeira unidade, encontramos uma charge sobre a Revolta da Vacina ocorrida no Rio de Janeiro em 1904, nessa charge vemos a população enfrentando a polícia, claramente podemos perceber na imagem muitas mulheres armadas com utensílios domésticos na linha de frente do combate, mas novamente nada é falado sobre a participação das mulheres na revolta. Quando o autor diz “os populares enfrentaram a polícia” supostamente as mulheres já estão englobadas na frase, porém, não fosse a charge mostrando as figuras femininas em combate, não teria como sabermos que houve essa participação das mulheres.

O mesmo vale para a questão étnica, as mulheres negras não são referenciadas na gramática, o termo “mulher” engloba todas as etnias e classes, essa ilustração sobre a Revolta da Vacina é a primeira onde vemos a representação de mulheres negras, porém, nada é dito no conteúdo textual sobre a participação delas, sem a imagem, jamais saberíamos que elas participaram de tal ato.



**Figura 16**  
(BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.67)

Na página seguinte há um tópico que aborda o movimento operário nas primeiras décadas da República no Brasil, o texto fala sobre a situação dos operários e das operárias das fábricas, aborda sobre as greves e as pautas exigindo diversas mudanças nas condições de trabalho das mulheres, no início do tópico vemos uma foto de mulheres operárias, brancas, trabalhando em uma fábrica de sapatos.

A curiosidade está no fato do texto abordar as condições femininas nas fábricas, porém quando fala sobre as greves sempre usa o masculino, deixando a entender que mulheres não tiveram participação nessas greves e manifestações, já que ele está abordando a questão das mulheres nas fábricas, era de se esperar que fosse abordar também a participação delas nos movimentos operários, porém, mais uma vez permanecem ocultas no conteúdo textual e a elas cabe apenas a participação ilustrativa.

Um texto complementar, na última página do capítulo três, depois das atividades, fala sobre a Santa Dica, sertaneja benzedeira que ficou conhecida por realizar milagres em um povoado de Goiás. Em volta da Santa Dica criou-se uma comunidade, era uma espécie de líder espiritual, ficou conhecida como “Antônio Conselheiro de saias”, o livro traz duas perguntas para os alunos responderem, a segunda pede para que comparem a trajetória da Santa Dica com a de Antônio Conselheiro, de fato, as duas histórias têm semelhanças, porém, compará-la a ele pode

acabar deixando sua história na sombra de um homem que na verdade não teve relação alguma com os fatos ocorridos em torno dela.

O autor tem o mérito de adicionar ao livro a história quase que esquecida da Santa Dica, porém, usou o mesmo artifício do livro dois e escondeu-a no final do capítulo, o texto poderia estar incluso no conteúdo principal, antes das atividades, muitos professores nem chegam a trabalhar em sala de aula esses textos complementares, justamente por acharem que não tem tanta importância.



**Figura 17**  
(BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.73)

O capítulo cinco fala sobre a Segunda Guerra Mundial, no texto a participação das mulheres é oculta, encontramos apenas uma imagem, muito pequena, retratando mulheres republicanas armadas na luta contra o fascismo, a imagem é muito significativa e representativa, pois, a maioria das pessoas quando pensa em guerra logo descarta a participação feminina, ou pensa nas mulheres apenas como enfermeiras que cuidavam dos homens feridos, porém, tivemos também a participação das mulheres em batalhas. A foto de mulheres segurando armas é impactante, algo que não estamos acostumados a ver, rompe com os estereótipos colocados para nós mulheres, pena que a imagem é pequena e nada mais é dito sobre essa participação feminina.



**Figura 18**  
(BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.96)

Ainda nesse mesmo capítulo sobre a Segunda Guerra, mas já nas atividades, temos a primeira fotografia de uma mulher negra do livro, a imagem, na verdade, é de duas mulheres, uma negra e uma branca trabalhando juntas em uma fábrica da Califórnia, as perguntas questionam as mudanças ocorridas no cotidiano das mulheres durante a guerra, e uma delas pede para que o aluno explique a interação entre a mulher branca e a negra no espaço de trabalho, porém, o livro não aborda essa questão, o capítulo não fala nada sobre as mulheres negras.



**Figura 19**  
(BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.105)

No tópico que fala sobre o levante comunista de 1935, Olga Benário é citada, mas apenas como uma comunista vinda do exterior para participar do levante que se tornaria esposa de Prestes, ou seja, é vista apenas como estrangeira comunista e esposa, o autor não fala nada sobre sua participação no Levante, sua luta, sua história, “Para que

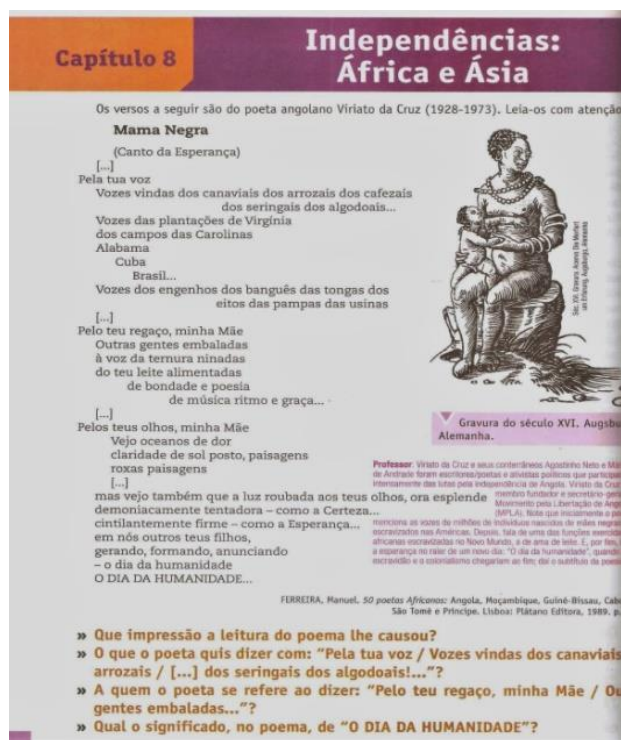
falar dela? A não ser para evocar os homens, mais ou menos importantes, que conheceram, acompanharam ou com que viveram.” (Perrot, 2015 p.28).

A gravura de uma mulher negra nua amamentando seu filho ilustra o capítulo oito sobre a independência da África, acompanhada de um poema do Angolano Viriato da Cruz, com o título de “Mama Negra”, o poema fala da esperança usando a figurada mãe, essa mulher que gerou a vida, que amamentou negros e brancos na condição de escravizada, que carrega a dor, a bondade e a esperança, podemos pensar que a figura da mãe faz referência à mãe África, às origens africanas, à identidade, ao berço de um povo, mas essa é minha interpretação pessoal, um poema pode ter várias interpretações, então, nesse caso, cada professor e aluno fará a sua.

O autor da poesia é um Angolano, ativista político que lutava pela independência de Angola, esse é um ponto positivo do poema, ainda que seja um homem, não é a visão de um branco sobre os negros como estamos acostumados a ver na história, a visão eurocêntrica.

O poema de fato é muito rico e simbólico, mas colocado em um livro que fala pouco sobre as mulheres pode acabar se tornando mais um reforço ao estereótipo da mulher, mãe, bondosa, amável, isso já estamos cansados de ouvir, o que precisamos ouvir é que as mulheres também tiveram participação histórica para além dos papéis de dona de casa, mãe e esposa, que também foram guerreiras, artistas, cientistas, escritoras, filósofas, ativistas, rebeldes. Em todo o capítulo sobre a Independência da África não é falado nada sobre a participação das mulheres na luta.





**Figura 20**  
(BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.146)

Nos capítulos seguintes, ao falar sobre a ditadura militar, a participação das mulheres também não é citada, vemos apenas uma imagem onde jovens são agredidos pela polícia, homens e mulheres, mas no conteúdo nada é dito sobre elas, e a participação ativa das mulheres na ditadura foi marcante, estavam nas ruas, nas marchas, na guerrilha armada, foram perseguidas, torturadas, estupradas, mortas, mas não são se quer lembradas. Sobre a participação das mulheres nessa luta, Ana Maria Colling (2017, p.6) afirma: “Ousar adentrar o espaço público, político, masculino, por excelência foi o que fizeram estas mulheres ao se engajarem nas diversas organizações clandestinas existentes no país durante a ditadura militar.”

Neste capítulo temos(novamente escondido após as atividades) um texto que fala sobre a luta das mulheres no século XX e algumas conquistas daquela época, como a pílula, a defesa pela liberdade sexual da mulher, o divórcio, as posições de destaque conquistadas na sociedade, entre outras.

O capítulo doze “O Fim do Bloco Soviético e a Nova Ordem Mundial” traz aspectos políticos e sociais do mundo todo, faz referência às mulheres em alguns trechos sem algum aprofundamento. Fala sobre as meninas muçulmanas estupradas por

Sérvios na Bósnia, aponta Margaret Thatcher como importante liderança associada ao neoliberalismo, cita leis no Japão que garantem direitos iguais a mulheres e homens, fala sobre a conquista do voto feminino no Irã, os retrocessos nos direitos das mulheres após Khoemini proclamar a república Islâmica, a participação das mulheres na Primavera Árabe e uma fotografia que mostra mulheres afegãs exibindo os dedos manchados de tinta após participarem das eleições.



**Figura 21**  
(BOULOS, Alfredo, 2016. v.3, p.259)

O último capítulo fala sobre o Brasil nesse contexto da nova ordem mundial, sobre as manifestações pelo impeachment de Collor, o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra), sem citar a participação das mulheres nesses dois movimentos, cita o movimento feminista como oposição ao governo de Fernando Henrique Cardoso dentre outros movimentos, cita Heloísa Helena como candidata do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) em 2006, e temos o primeiro tópico dentro de um capítulo que leva no título o nome de uma mulher; “O Governo de Dilma Rousseff”.

É um tópico todo sobre o governo da primeira presidenta do Brasil, o autor não fala sobre a importância simbólica de termos na presidência uma mulher, decorre sobre os fatos acontecidos durante o governo, colocando os pontos positivos do seu primeiro mandato, esclarece o contexto da crise econômica, aponta a decaída no segundo mandato e o impeachment, o autor é cauteloso em não deslegitimar o governo de Dilma.

A importância de termos mulheres ocupando cargos de destaque é visível quando analisamos um livro didático, as mulheres só aparecem nos livros quando têm um cargo importante ou quando realizam algum ato extraordinário. Independente dos ideais e das vertentes políticas que seguimos, temos de admitir que ter uma mulher

eleita como presidente é um acontecimento simbólico muito significativo para a história do nosso país, é uma conquista para todas as mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os três livros da coleção analisada seguem um padrão textual, mesmo tendo conteúdos diferentes, em diversos capítulos as mulheres permanecem ocultas, são fatos históricos onde não foi esclarecido se os participantes eram apenas homens ou se haviam também mulheres, isso ocorreu em diversas passagens, ao falar sobre Canudos, sobre os Quilombos, sobre a luta contra a Ditadura Militar, entre outros eventos históricos.

Não há a consciência da importância em mencionar a participação feminina nos acontecimentos históricos, tradicionalmente a história engloba mulheres e homens em uma linguagem masculina que foi convencionada como uma linguagem universal, não só a história comete esse erro, mas a própria gramática foi construída dessa forma, sempre que vemos um conjunto de pessoas, mesmo sendo dez mulheres e um homem, iremos nos referir a esse grupo como “eles”, usando palavras no masculino.

Quando isso é feito aliado à visão, não gera confusão, quando estamos vendo que há dez mulheres e um homem e alguém fala “eles”, saberemos que está se referindo a dez mulheres e um homem, porém, quando não há esse recurso visual, a informação fica confusa, como saber se “eles” são somente homens? Bom, temos a certeza que têm homens no meio, do contrário seria dito “elas”, mas não temos a certeza de que existem mulheres no grupo, quando isso ocorre em fontes históricas, a presença de mulheres em diversas passagens é anulada, essa questão gramatical é levantada por Michele Perrot (2015, p. 21):

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios. Inicialmente, por ausência de registro. Na própria língua. A gramática contribui para isso. Quando há mistura de gêneros, usa-se o masculino plural: eles dissimula elas. No caso de greves mistas, por exemplo, ignora-se quase sempre o número de mulheres.

Imaginemos então quantas greves, quantas manifestações, quantas situações tiveram a participação das mulheres e não ficaram registradas na história, usando a mesma lógica podemos dizer que a questão étnica também é ignorada, pois a maioria dos relatos não define biotipo, imaginemos quantas mulheres negras participaram de ações históricas e nunca foram citadas, as mulheres são todas colocadas no mesmo balaio, brancas, negras ou indígenas.

Boulos cita as mulheres em alguns conteúdos do livro, porém sempre de forma muito breve e sem aprofundamento, até mesmo personagens de destaque ficaram de fora da narrativa, podemos elogiar a quantidade de historiadoras e professorascitadas, principalmente no segundo livro e algumas passagens onde o autor retrata as mulheres ou algum fato relacionado a elas, mas são poucos casos e geralmente aparecem em caixas de texto complementares, aliás, a maior parte das informações sobre as mulheres está fora do texto principal. Angela R. Ferreira (2005, p.13) afirma:

É visível a dificuldade em incorporar novos temas ao texto didático: geralmente, ao tentar fazer isso, autores e equipes editoriais introduzem textos complementares, figuras descoladas dos textos, enfim, elementos secundários(...).

Um recurso muito usado pelo autor foi colocar textos complementares no final do capítulo, muito afastado do texto principal, depois das atividades, muitas vezes os professores nem fazem as atividades em sala de aula, e quando fazem, talvez não queiram voltar a dar um conteúdo depois das questões já terem sido resolvidas.

Quem trabalha na sala de aula sabe que os alunos precisam ter uma clareza do que irá acontecer, os momentos são muito bem divididos, o momento de prestar atenção na explicação, o momento de fazer perguntar e o momento de fazer as atividades, nesse último momento eles relaxam um pouco, ficam mais descontraídos, ajudam uns aos outros a responderem as questões, não convém o professor tentar obter novamente a atenção de todos para explicar o texto que se encontra após as atividades, portanto, esses textos provavelmente serão esquecidos ou ignorados.

As aulas podem parecer longas para os alunos, mas na verdade o tempo é curto para o professor conseguir ensinar todo o conteúdo programado, perde-se muito tempo organizando a turma, esperando os alunos chegarem, pedindo silêncio, fazendo a chamada, aguardando os alunos pegarem o livro e abrirem na página certa. É difícil obter a atenção durante a explicação, os alunos se distraem rapidamente, têm dificuldade em manterem-se concentrados, se perdem no assunto com facilidade.

O professor tende a explicar o conteúdo de forma mais simples, mais resumida, para que fique mais fácil o entendimento e para que consiga cumprir os prazos, então, a tendência é que os textos complementares sejam considerados menos importantes que o texto principal e podem facilmente ser ignorados pelo professor, quanto menores e mais escondidos, maior a probabilidade desses textos não serem estudados na sala de aula.

Com relação às imagens, podemos perceber que há uma preocupação maior em incluir as mulheres no conteúdo visual, elas aparecem muito mais nas imagens do que no texto. Várias vezes a própria imagem é usada para relatar a participação das mulheres naquele acontecimento, contendo apenas uma breve explicação, como se isso pudesse substituir a presença das mulheres no conteúdo textual. Thábata Mortani (2014, p.7) nos diz:

Os livros didáticos produzidos atualmente estão repletos de imagens, e na maioria dos casos, estes materiais não têm o compromisso de fazer uma abordagem do texto relacionada à imagem. A imagem é usada como mera ilustração. (...) Está ali como mera figuração.

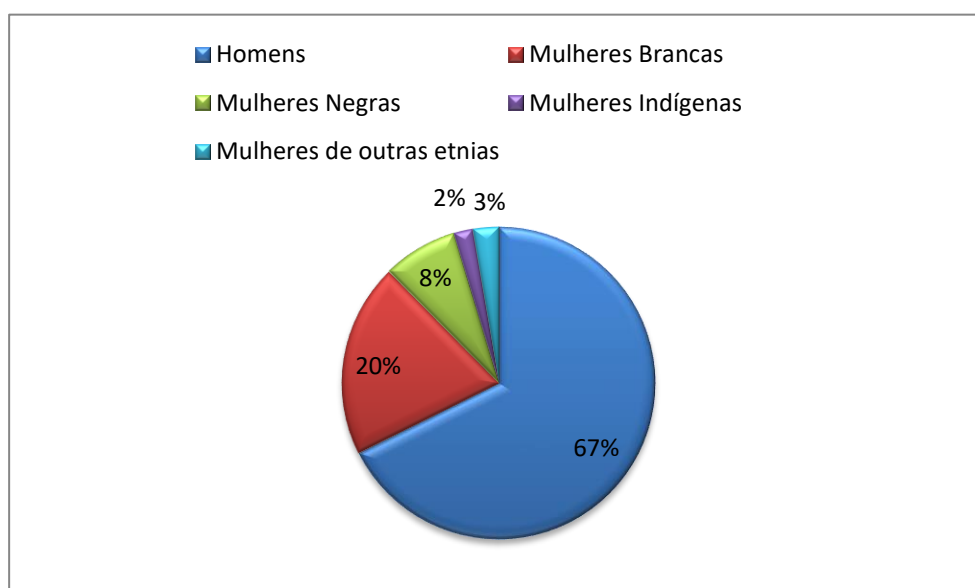
Os dois primeiros livros da coleção contêm o maior número de imagens de mulheres negras, porém, estão sempre ligadas à estética cultural, em muitas imagens elas estão participando de alguma dança típica, com o jongo, a quadrilha, o tambor de crioula, entre outros, ao falar da África o livro exalta muitas imagens de mulheres com seus vestidos coloridos, turbantes e maquiagem. É claro que exaltar a estética afro é de extrema importância, porém, retratar a mulher negra apenas dessa forma é superficial e reforça estereótipos, há muito mais a ser dito sobre as mulheres negras na história do que apenas a questão estética.

No terceiro volume da coleção, nem mesmo a estética negra é mostrada, as mulheres negras são praticamente inexistentes no livro, as mulheres indígenas são de fato inexistentes, as brancas têm vantagem em relação às demais, porém em relação aos homens segue em grande desvantagem, seguindo o padrão hierárquico social que vivenciamos na nossa cultura.

Na tabela 1 temos a quantidade de imagens onde aparecem homens, mulheres brancas, mulheres negras, indígenas e de outras etnias (asiáticas, árabes, indianas...), sendo que, uma imagem onde temos 10 homens e uma mulher é contada para as duas categorias e vice versa, ou seja, as imagens podem não ser exclusivas da categoria em questão. Foram contadas apenas as imagens em que a questão de gênero, cor ou etnia era claramente visível, podendo ser imagens fotográficas, desenhos ou esculturas, foi usado um critério visual, analisando o fenótipo e também as descrições textuais sobre as imagens para avaliar em quais categorias ela se encaixaria.

	Homens:	Mulheres Brancas	Mulheres Negras	Mulheres Indígenas	Mulheres de outras etnias
Livro 1	138	48	24	1	10
Livro 2	174	39	20	13	0
Livro 3	170	56	11	0	9
TOTAL	482	143	55	14	19

Essa análise quantitativa deixa ainda mais nítida a permanência de uma história predominantemente masculina, a diferença numérica é impactante e segue um padrão, nos três livros o homem aparece em primeiro lugar com uma diferença enorme, no total eles aparecem mais que o dobro de vezes em relação as mulheres, já as mulheres negras, indígenas e de outras etnias estão em nítida desvantagem numérica, permanecem quase que invisíveis no conteúdo.



Portanto, não restam dúvidas de que ainda existe uma enorme desigualdade de gênero no conteúdo dos livros analisado, reflexo de uma sociedade que tem dificuldades para eliminar essa desigualdade, avançamos em muitos aspectos, mas não chegamos nem perto do que seria uma sociedade igualitária. A escola é uma das instituições onde podemos incentivar essas mudanças, ambiente de conhecimento e formação de idéias, onde crianças e jovens desenvolvem seu caráter, seus ideais, a escola tem um grande papel na formação desses indivíduos.

O livro didático é o material mais usado pelos professores e muitas vezes o único material que o aluno tem acesso, portanto, a adequação dele aos novos

paradigmas sociais e conteúdos é importante para alcançarmos as mudanças necessárias ao ensino escolar.

A diversidade deve ser reforçada nos livros, é um incentivo para o professor levar as questões para a sala de aula, o livro está ali na carteira do aluno, nas mãos dele, é algo palpável, visível, tem a capacidade de aproximar os alunos dessas questões, principalmente em relação às imagens, essas geralmente não passam despercebidas por eles, é uma oportunidade de trazer novas informações visuais, identidades visuais que eles não têm contato no dia a dia, que não aparecem nas televisões, revistas ou nos ambientes virtuais que eles frequentam.

Inúmeros trabalhos denunciam a ausência da diversidade nos livros didáticos brasileiros, neste trabalho analisamos uma coleção usada em dezenas de escolas espalhadas pelo Brasil, que por três anos fará parte da formação de muitos estudantes, é necessária uma mudança urgente na estrutura dos livros didáticos, regras mais rígidas que obriguem os autores a incluírem a diversidade, mas ao invés disso, o caminho têm sido o oposto.

A sala de aula tem que ser um local de diversidade, de rompimento com os padrões sociais desiguais, afinal, essa diversidade está presente nas escolas, na figura dos indivíduos que ali frequentam, ignorar tais questões é repreender esses indivíduos e colaborar com as violências que eles sofrem.



## REFERÊNCIAS

- COLLING, Ana Maria. **As mulheres e a Ditadura Militar no Brasil**. História em Revista, 2017 - periódicos. ufpel.edu.br. Disponível em [https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Ana\\_Maria\\_Colling.pdf](https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Ana_Maria_Colling.pdf). Acesso em: 23 jul. 2018.
- FERREIRA, Angêla Ribeiro. Representações da História das Mulheres no Brasil: em Livros Didáticos de História. Dissertação de mestrado - UEPG- Ponta Grossa, 2006.
- FONSECA, 2003 apud FERREIRA, Angela Ribeiro. Representações da História das Mulheres no Brasil: em Livros Didáticos de História. 2006.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- FREITAS, Neli Klix; RODRIGUES, Melissa Haag. **O livro didático ao longo do tempo: a forma do conteúdo**. 2008. Disponível em: <[http://www.ceart.udesc.br/revista\\_dapesquisa/volume3/numero1/plasticas/melissa-neli.pdf](http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume3/numero1/plasticas/melissa-neli.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-modernidade. 10. Ed Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MORTANI, Thábata. **A Ausência/Presença da História das Mulheres nos Livros Didáticos – Ensino Fundamental**. Anais do Encontro Regional de História Anpuh-Rio: Saberes e práticas Científicas. Rio de Janeiro 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/ferna/Desktop/Fernanda/TCC/LEITURA/HM%20e%20LD%201400103018\\_ARQUIVO\\_AusenciapresencadaHistoriadaMulheresnosLivrosDidaticos\\_EnsinoFundamentalII.pdf](file:///C:/Users/ferna/Desktop/Fernanda/TCC/LEITURA/HM%20e%20LD%201400103018_ARQUIVO_AusenciapresencadaHistoriadaMulheresnosLivrosDidaticos_EnsinoFundamentalII.pdf) . Acesso em: 25 jul. 2018.
- PERROT, Michelle. As Mulheres ou os Silêncios da História – Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- PERROT, Michelle. Minha história das Mulheres; 2. Ed.-São Paulo: Contexto, 2015.
- REIS, Marlene Barbosa de Freitas. Política pública, diversidade e formação docente: uma interface possível. Rio de Janeiro, 2013. Tese doutorado. Disponível em: [http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/pped/dissertacoes\\_e\\_teses/Tese\\_Marlene\\_-\\_verso\\_definitiva.pdf](http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/pped/dissertacoes_e_teses/Tese_Marlene_-_verso_definitiva.pdf) . Acesso em: 04 jul. 2018.
- SCOTT, 1992, p.86, 77 apud SOIHET, Rachel. PEDRO, Joana M. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. Revista Brasileira de História 2007.
- SCOTT, Joan. (1991), **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. (Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila). Recife, SOS Corpo. (sd) Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento). Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SILVA, Gilvan V. Prisioneiras do esquecimento: a representação das mulheres nos livros didáticos de história. Dimensões, Niterói: UFES, vol. 23, 2009

SILVA, Marco Antônio. **A Fetichização do Livro Didático no Brasil**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 803-821, set./dez. 2012. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade)> . Acesso em: 23 jul. 2018.

STEARNS, P. N. Historia das relações de gênero. Trad. De Mirna Pinsky. Sao Paulo: Contexto, 2007

### **Livros Didáticos:**

BOULOS, Alfredo. História, Sociedade & Cidadania, 1º ano – 2.ed. – São Paulo: FTD 2016

BOULOS, Alfredo. História, Sociedade & Cidadania, 2º ano– 2.ed. – São Paulo: FTD 2016

BOULOS, Alfredo. História, Sociedade & Cidadania, 3º ano– 2.ed. – São Paulo: FTD 2016